



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

Olubajé: o banquete do rei

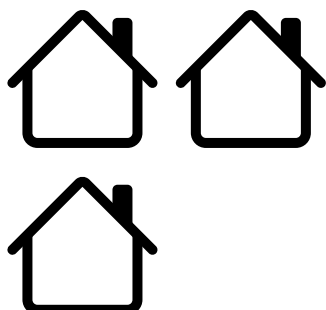
Autoria: Lina Regina Geralda Nunes dos Santos

Sabe-se que a diáspora africana no Brasil teve um aspecto singular pelo seu tempo de duração. E dentro dessa conjuntura um aspecto peculiar permeia a culinária em nosso país, a dieta de terreiro faz parte do cotidiano em muitas mesas brasileiras. Uma espécie de simbiose une o rito e o sistema alimentar num mesmo contexto. O candomblé é resultado da resistência negra no Brasil, suas cerimônias podem reconstituir os grandes feitos dos ancestrais cultuados. Cria-se um universo místico de aproximação com o sagrado, e a simbologia se faz bastante presente nesses rituais como forma de devoção e reverência. Do ano de 2016 ao ano de 2017 foi feita uma pesquisa de campo no Ilê Axé Alarokê situado na cidade de São Cristóvão-SE, povoado Umbaubá km 13, onde foram feitas entrevistas com o Babalaxé da casa e as principais pessoas que trabalham na cozinha. Que variam numa idade entre 14 e 52 anos. Tivemos como objetivo descrever sobre como são narrados os mitos do universo ioruba e jeje do orixá Omolu e sua ligação com a morte, observando a forma como são reproduzidos espetacularmente na memória coletiva no tocante as oferendas sacrificiais e o rito de comensalização. Descrevendo como se desdobram o conjunto de expressões simbólicas, na elaboração dos pratos, na disposição deles durante a cerimônia e o momento em que socializam o ato de comensalidade. Entender como refletem as representações através da memória coletiva e os comportamentos ritualizados espetacularmente organizados. Para tal iremos apresentar uma etnografia que irá trabalhar uma descrição densa sobre o papel fundamental da cozinha no candomblé na reprodução dos mitos, este sem dúvidas foi à plataforma de sustentação e de resgate nesse processo de reconhecimento e de adoração aos seus encantados.

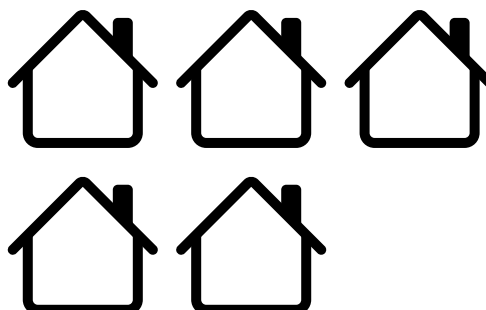
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

